

RELATÓRIO: A DESIGUALDADE ESTÁ TORNANDO AS PANDEMIAS MAIS PROVÁVEIS, MAIS MORTAIS E MAIS CUSTOSAS

O ‘ciclo desigualdade-pandemia’ deve ser quebrado para alcançar a segurança sanitária

Um relatório elaborado por economistas, especialistas em saúde pública e líderes políticos mundiais revela que a desigualdade está tornando o mundo mais vulnerável a pandemias. Intitulado *Quebrando o ciclo desigualdade-pandemia: construindo uma verdadeira segurança sanitária em uma era global*, o documento mostra como os altos níveis de desigualdade favorecem a ocorrência e a disseminação de surtos e dificultam as respostas nacionais e internacionais, tornando as pandemias mais longas, letais e disruptivas.

Baseado em dois anos de pesquisas e encontros realizados em diferentes países, o relatório aponta também que as pandemias, por sua vez, ampliam as desigualdades, alimentando um ciclo perverso que se repetiu em crises como a da Covid-19, da Aids, do Ebola, da Influenza, da Mpox, entre outras.

Segundo os autores, respostas que considerem as desigualdades sociais e ações para reduzi-las antes das crises podem proteger o mundo de futuras emergências sanitárias de forma mais eficaz do que as estratégias atuais de preparação para pandemias. O relatório detalha os determinantes sociais das pandemias e propõe ações intersetoriais e comunitárias para enfrentá-los. Também traz recomendações para políticas econômicas globais e para ampliar o acesso a medicamentos e tecnologias essenciais. Além de fortalecer a preparação para futuras crises, as medidas sugeridas podem contribuir decisivamente para superar pandemias ainda em curso, como as de HIV, tuberculose e Mpox.

Copresidido pelo economista e Prêmio Nobel Joseph E. Stiglitz, pela ex-primeira-dama da Namíbia Monica Geingos e pelo renomado epidemiologista Sir Michael Marmot, o relatório foi encomendado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (Unaids) e elaborado pelo Conselho Global sobre Desigualdade, Aids e Pandemias. O documento reúne passos práticos que os governos podem adotar para redefinir o conceito de “segurança sanitária”.

O lançamento acontece no momento em que novos medicamentos preventivos contra o HIV começam a ser aprovados em diferentes países.

Monica Geingos, ex-primeira-dama da Namíbia: *“A desigualdade não é inevitável. É uma escolha política — e uma escolha perigosa, que ameaça a saúde de todos. Quem se preocupa com o impacto das pandemias precisa se preocupar com a desigualdade. Os líderes podem quebrar esse ciclo aplicando as soluções políticas apresentadas neste relatório.”*

Sir Michael Marmot, diretor do Instituto de Equidade em Saúde da UCL: *“As evidências são claras. Reduzir desigualdades — com moradia digna, trabalho justo, educação de qualidade e proteção social — é atacar o risco de pandemias em sua raiz. Combater a desigualdade não é um luxo: é essencial para a preparação e resposta a crises sanitárias.”*

Joseph E. Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia: *“As pandemias não são apenas crises de saúde; são também crises econômicas que podem aprofundar a desigualdade se forem mal geridas. Políticas de austeridade e juros altos, usadas para lidar com os efeitos econômicos de uma pandemia, acabam sufocando os investimentos em saúde, educação e proteção social, tornando as sociedades menos resilientes. Romper esse ciclo exige garantir que todos os países tenham espaço fiscal para investir em segurança sanitária.”*

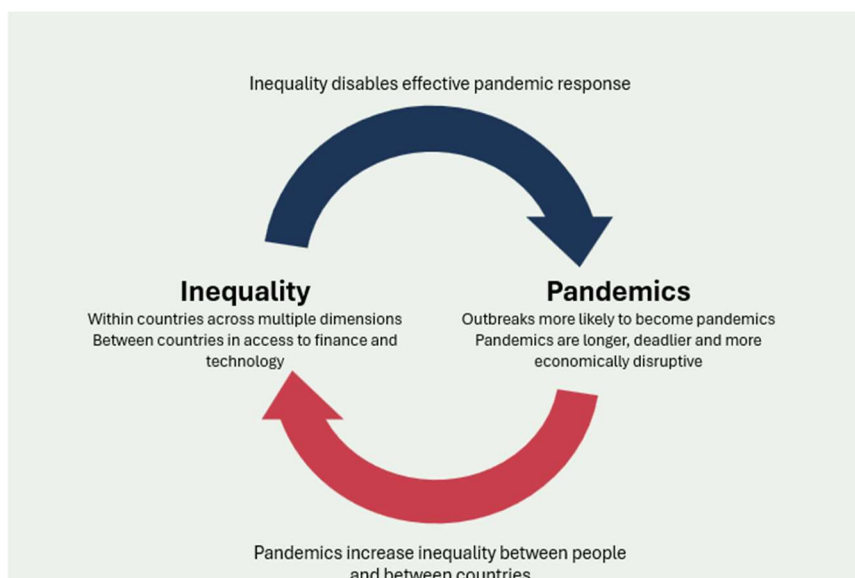
Winnie Byanyima, diretora-executiva do UNAIDS e subsecretária-geral da ONU: *“O relatório mostra por que é urgente enfrentar as desigualdades que alimentam as pandemias — e também mostra como fazê-lo. Reduzir desigualdades dentro e entre os países significa garantir uma vida melhor, mais justa e mais segura para todos.”*

Nísia Trindade, ex-ministra da Saúde do Brasil e integrante do Conselho Global: *“Precisamos agir juntos contra as desigualdades, as quais tornam as pandemias mais prováveis, letais e custosas. Políticas de proteção social e sistemas de saúde resilientes são fundamentais para a preparação e a resposta. Garantir que medicamentos e vacinas possam ser desenvolvidos e produzidos em todo o mundo, em uma perspectiva regional e local, é outro aspecto vital para a saúde global.”*

Em um cenário de desafios ao multilateralismo, insegurança crescente e progresso desigual no desenvolvimento social e econômico, as recomendações do Conselho se alinham ao tema central do G20 deste ano: “Solidariedade, Igualdade, Sustentabilidade”.

O ciclo desigualdade–pandemia

A pesquisa conduzida pelo Conselho Global nos últimos dois anos revelou um padrão claro: a desigualdade alimenta as pandemias, e as pandemias aprofundam a desigualdade, tornando futuras crises mais prováveis e mais devastadoras — tanto em vidas quanto em impacto econômico.



A pesquisa evidencia:

1. **Altos níveis de desigualdade, dentro e entre países, aumentam a vulnerabilidade global e fazem com que pandemias durem mais e causem mais mortes. Pandemias, por sua vez, aprofundam desigualdades, impulsionando a relação cíclica e de retroalimentação.**

Dentro dos países, a desigualdade interseccional está claramente associada às pandemias. Pesquisas do Conselho Global mostram que, em nações mais desiguais, houve taxas significativamente mais altas de mortalidade por COVID-19, maior incidência de infecção por HIV e mais mortes por AIDS, já que esses países enfrentaram dificuldades para articular respostas eficazes às crises sanitárias. Por outro lado, contextos com menor desigualdade mostraram-se mais resilientes diante das pandemias. O relatório destaca, por exemplo, que vários países africanos que mais avançaram no enfrentamento à AIDS conseguiram reduzir desigualdades urbanas persistentes e equilibrar as taxas de HIV entre pessoas que vivem em assentamentos informais (“slums”) e outros grupos populacionais. Enquanto isso, dados do FMI referentes às pandemias de influenza H1N1, SARS, MERS, Ebola e Zika indicam que esses surtos provocaram aumentos duradouros na desigualdade, atingindo um pico cerca de cinco anos após as crises.

Os determinantes sociais das pandemias geram vulnerabilidades estruturais que permitem a proliferação de vírus e bactérias. No Brasil, por exemplo, pessoas sem educação básica tiveram uma probabilidade muito maior de morrer de COVID-19 do que aquelas que concluíram o ensino fundamental. Na Inglaterra, viver em moradias superlotadas esteve diretamente ligado a taxas mais elevadas de mortalidade pela doença.

As desigualdades internacionais globalizam a vulnerabilidade a pandemias. Quando alguns países conseguem responder de forma eficaz a um surto, mas outros não dispõem dos meios necessários, o risco se torna coletivo. A falta de espaço fiscal em determinadas nações durante as crises de Ebola e AIDS limitou a implementação de medidas eficazes de saúde pública e permitiu que os vírus se espalhassem. Durante a COVID-19, países de alta renda gastaram quatro vezes mais do que os de baixa renda para lidar com os efeitos da pandemia. O acesso desigual a medicamentos e vacinas resultou em infecções evitáveis por HIV, COVID-19 e Mpox — e tem sido associado ao surgimento de variantes e cepas resistentes.

2. **A incapacidade de enfrentar as principais desigualdades e determinantes sociais desde a COVID-19 deixou o mundo extremamente vulnerável e despreparado para a próxima pandemia.**

Desde o início da epidemia de AIDS, a desigualdade de renda aumentou e se manteve em níveis altos na maioria dos países. A pandemia de COVID-19 empurrou 165 milhões de pessoas para a pobreza, enquanto os mais ricos do mundo ampliaram sua riqueza em mais de um quarto.

As desigualdades de gênero, sexualidade, etnia e condição social se somam às econômicas. Mulheres, trabalhadores informais e grupos étnicos minoritários foram os

mais afetados em termos de emprego e renda durante a COVID-19. Em muitos casos, famílias precisaram escolher entre garantir o sustento e seguir as recomendações de isolamento, o que enfraqueceu as estratégias de saúde pública. Ainda assim, a maior parte dos planos de preparação para pandemias continua sem levar essas dimensões em conta.

Apesar de terem gasto menos durante a COVID-19, os países em desenvolvimento estão hoje sufocados por cerca de US\$ 3 trilhões em dívidas, e mais da metade das nações de baixa renda encontram-se em situação de endividamento crítico ou sob alto risco. Os pagamentos da dívida limitam os recursos disponíveis tanto para lidar com as pandemias atuais quanto para se preparar para as futuras. As iniciativas recentes de reestruturação de dívidas pós-COVID-19 não produziram resultados significativos, e o mundo ainda carece de mecanismos claros de financiamento de emergência para apoiar respostas sanitárias e mitigar os impactos econômicos das pandemias.

Enquanto novas tecnologias inovadoras — como as injeções de longa duração para prevenção do HIV — chegam aos países de alta renda, persistem grandes barreiras ao compartilhamento dessas tecnologias, o que dificulta a produção sustentável e o acesso equitativo em grande parte do planeta.

3. **A lentidão na resposta a pandemias e surtos ainda ativos, como AIDS e tuberculose, mantém o ciclo desigualdade-pandemia.**

Como as pandemias aumentam a desigualdade e enfraquecem a capacidade global de resposta, é motivo de preocupação que a AIDS continue sendo uma pandemia. Juntamente com a tuberculose e a malária, ela ainda causa milhões de mortes, principalmente em países de baixa e média renda e entre grupos marginalizados em países ricos. Apesar do progresso — novas infecções por HIV caíram, no final de 2024, para seu nível mais baixo desde 1980 —, a rápida diminuição de doações em 2025 ameaça comprometer esses avanços e deixar para trás as populações mais vulneráveis.

4. **Há evidências nítidas de que esse ciclo pode ser interrompido. É necessária uma nova abordagem para a segurança sanitária global, capaz de quebrar esse padrão por meio de ações práticas e factíveis sobre os determinantes sociais e econômicos das pandemias, tanto no âmbito nacional quanto internacional. O Conselho propõe uma nova abordagem de PPR (Prevenção, Preparação e Resposta):**

Respostas atentas à desigualdade durante uma pandemia, que levem em conta as disparidades existentes e utilizem políticas baseadas em evidências para mitigar seus efeitos.

Preparação contra futuras pandemias, reduzindo desigualdades em áreas específicas e comprovadamente relacionadas à vulnerabilidade a doenças.

Quatro recomendações para quebrar o ciclo desigualdade–pandemia

1. Remover barreiras financeiras na arquitetura global, a fim de permitir que *todos* os países tenham capacidade fiscal suficiente para enfrentar as desigualdades que impulsionam as pandemias.

Durante uma pandemia, incluindo a de AIDS atualmente: como primeiro passo, propor uma renegociação urgente no pagamento da dívida para países sobre-endividados até 2030, acompanhada de novas linhas automáticas de financiamento de emergência, como a emissão de Direitos Especiais de Saque pelo FMI.

Para tornar o mundo mais seguro contra futuras pandemias: reorientar as instituições financeiras internacionais, eliminando políticas de austeridade pró-cíclicas e enfrentando as falhas estruturais que restringem o espaço fiscal necessário para reduzir desigualdades e conter pandemias.

2. Investir na prevenção a determinantes sociais das pandemias. Usar mecanismos de proteção social para diminuir desigualdades socioeconômicas e de saúde e fortalecer a resiliência social na preparação e resposta a pandemias.

Durante uma pandemia, incluindo a de AIDS hoje: ampliar a proteção social nas crises de saúde por meio de sistemas efetivos e inclusivos, com atenção especial às populações mais vulneráveis, como parte de uma resposta mais ampla que abranjam não apenas o setor de saúde, mas também moradia, nutrição e outros determinantes da saúde.

Para construir um mundo mais seguro contra futuras pandemias: promover sociedades mais saudáveis e resilientes com ações estratégicas sobre os determinantes sociais das pandemias, que estão na base das desigualdades em saúde e da vulnerabilidade diante de novos surtos.

3. Fortalecer a produção local e regional e criar nova governança em pesquisa e desenvolvimento, assegurando que o compartilhamento de tecnologias seja tratado como um bem público essencial ao enfrentamento de pandemias.

Durante uma pandemia, incluindo a de AIDS hoje: destinar recursos substanciais à produção regional coordenada para doenças como HIV e tuberculose, estimulando a transferência de tecnologia e aplicando uma dispensa imediata de propriedade intelectual sobre produtos ligados a pandemias.

Para construir um mundo mais seguro contra futuras pandemias: adotar a suspensão automática das regras de propriedade intelectual para tecnologias pandêmicas quando uma pandemia for declarada; criar um modelo de P&D a longo prazo que trate tecnologias de saúde como bens públicos, com mecanismos inovadores de incentivo (como prêmios em vez de patentes), aumento do financiamento e ampliação das iniciativas lideradas pelo Sul Global.

4. Construir maior confiança, equidade e eficiência na resposta às pandemias, investindo em infraestrutura multisetorial e em iniciativas lideradas pelas comunidades, em parceria com os governos.

Durante uma pandemia, incluindo a de AIDS hoje: direcionar parte do financiamento e dos indicadores de desempenho da resposta a pandemias para incluir organizações comunitárias e de base, alcançando populações não cobertas por serviços públicos e

privados de saúde. Essas ações devem complementar, e não substituir, os sistemas públicos universais.

Para construir um mundo mais seguro contra futuras pandemias: estabelecer estruturas de governança multissetorial para a resposta às pandemias, envolvendo diferentes Ministérios, organizações comunitárias, grupos de defesa de direitos e lideranças científicas.

O Conselho utilizará as conclusões do relatório para orientar seu diálogo com o G20, com instituições financeiras internacionais e com líderes da área de saúde. O mundo precisa de uma nova estratégia de prevenção, preparação e resposta capaz de romper o ciclo entre desigualdade e pandemia. Ignorar esse chamado pode gerar consequências devastadoras. Ações concretas para enfrentar as desigualdades podem proteger o mundo da próxima crise global de saúde e, ao mesmo tempo, ajudar a encerrar as que ainda persistem.

Notas para editores

Relatório: *Quebrando o Ciclo Desigualdade–Pandemia: construindo uma verdadeira segurança sanitária em uma era global*

Publicado por: Conselho Global sobre Desigualdade, AIDS e Pandemias, convocado pelo UNAIDS

Traduzido e coeditado por: Centro de Estudos Estratégicos (CEE-Fiocruz)

Sobre o Conselho Global sobre Desigualdade, AIDS e Pandemias

O Conselho Global sobre Desigualdade, AIDS e Pandemias é uma iniciativa de alto nível promovida pelo UNAIDS para compreender como as desigualdades alimentam as pandemias — e como as pandemias, por sua vez, aprofundam essas desigualdades.

Criado em junho de 2023, o Conselho é co-presidido pela ex-primeira-dama da Namíbia Monica Geingos, pelo diretor do Instituto UCL de Equidade em Saúde Sir Michael Marmot e pelo laureado com o Prêmio Nobel Joseph E. Stiglitz.

O grupo reúne líderes em economia, saúde pública, direitos humanos e finanças com o objetivo de criar um ambiente político que permita enfrentar as desigualdades, acabar com a AIDS e fortalecer a capacidade global de prevenção e resposta a futuras pandemias.

Contatos para a imprensa: Ciro Oiticica, (21) 99378-3301.